

O PARADOXO E A CURIOSIDADE

Antonio Edison Urban
Professor do Departamento de Informática da UFPr
Curitiba, novembro de 2002

Participar do curso "O Pensamento Transdisciplinar" foi um dos eventos mais importantes em minha vida nos últimos oito anos.

Tenho sido responsável pela disciplina de Teoria dos Sistemas há mais de dez anos e venho enfrentando dificuldades para produzir avanços no curso dada a escassez de bibliografia na área.

Desde que iniciei minhas aulas em Teoria dos Sistemas procurei mostrar aos alunos as limitações do pensamento cartesiano e a necessidade de expandirmos nossa visão para interpretar o todo a partir das relações entre as partes. A visão holística resultante desta prática melhora a percepção de mundo por parte dos alunos e lhes permite atuar de modo mais efetivo tanto na vida profissional como na vida pessoal.

A transdisciplinaridade não só oferece lastro às minhas abordagens em Teoria dos Sistemas como ainda possibilita a percepção das suas limitações, oferecendo a possibilidade de "tirar a visão sistêmica do plano" e expandí-la a outras dimensões.

Foram inúmeras as contribuições que o pensamento transdisciplinar trouxe para minha atividade docente e muitas outras para meu crescimento pessoal.

Minha intenção em escrever este documento é chamar a atenção para duas dessas contribuições, uma no terreno da discussão teórica da transdisciplinaridade, a qual chamei de "O paradoxo da transdisciplinaridade" e outra no terreno metodológico, a qual chamei de "Por uma leitura curiosa".

O paradoxo da transdisciplinaridade

Logo no início do documento "O manifesto da transdisciplinaridade", Nicolesco menciona os pesquisadores (Piaget, Morin, Jantsch, ...) que lavraram o termo quase que simultaneamente e observa: "(...) este termo foi inventado na época para traduzir a necessidade de uma jubilosa transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e de ir além da pluri e da interdisciplinaridade."

Analisando esta frase, percebe-se o estabelecimento do paradoxo, pois na medida em que se transgride as fronteiras entre as disciplinas, as disciplinas passam a ser vistas uma como extensão das outras, colocando em questão as fronteiras e a existência das disciplinas, como percebidas na visão aristotélica. Deste modo a transdisciplinaridade contém em si mesma a base para a supressão das disciplinas enquanto recortes definidos pelo pensamento clássico e, isso ocorrendo, deixa de haver necessidade de uma visão transdisciplinar.

É certo que o pensamento dominante limita-se a fazer um recorte ajustado às possibilidades de aplicação da lógica clássica, eliminando tudo quanto possa causar embaraços. Como foi mencionado durante o curso, a lógica clássica se preocupa com o "núcleo duro" ou cerne das disciplinas, deixando de lado as repercussões que emergem desse núcleo por não poder enquadrá-las.

Na medida em que essas repercussões ganham importância, se projetam sobre repercussões de outras disciplinas, busca-se enquadrar esta intersecção como uma nova disciplina, aplicando-se novamente os princípios da lógica clássica para identificar o cerne de modo a restringí-la aos fundamentos clássicos. É a interdisciplinaridade.

Também existe o caso em que componentes de uma ou mais disciplinas cooperam com outra, propiciando avanços ou soluções impossíveis dentro das duas próprias fronteiras. Apesar da ocorrência de relações entre várias disciplinas, esta situação acaba sendo observada como fatos estanques que não interferem no cerne que pode ser explicado pela lógica clássica. É a pluridisciplinaridade.

Uma das razões alegadas pela lógica clássica para restringir-se ao cerne das disciplinas está na confiabilidade, na certeza. Tudo o que está contido neste recorte é conhecido, dominado, entendido. Não há risco, não há incerteza.

A transdisciplinaridade rompe com essa situação cômoda e inclui a incerteza como componente do método científico. Não no sentido de fragilizar os resultados e a compreensão, mas no sentido de respeitar a realidade, maior e mais complexa que os diversos cerne impostos pela lógica clássica e assim obter uma compreensão mais ampla, menos sujeitas aos rigores das fronteiras estabelecidas.

A transdisciplinaridade inclui a interdisciplinaridade e a pluridisciplinaridade porque entende que as repercussões de cada disciplina, as intersecções que ocorrem, as contribuições que permitem avanços fazem parte de uma realidade maior do que cada disciplina em si.

Na medida em que isso é compreendido, a existência das disciplinas como continentes separados um dos outros como na visão clássica perde o sentido. As relações, as influências a sobreposição de repercussões impedem o isolamento das disciplinas.

Isso impõe uma nova visão sobre os recortes disciplinares, que continuam sendo necessários, mas não podem mais ser entendidos como auto contidos, auto explicados.

Os recortes existentes podem ainda ser utilizados, desde que contaminados pela visão transdisciplinar, mas sem dúvida, mais cedo ou mais tarde estes recortes deverão ser revistos pois seus pressupostos permanecem dentro da visão clássica.

O surpreendente disso tudo é que o paradoxo da transdisciplinaridade acaba sendo resolvido pela aplicação da visão transdisciplinar sobre os recortes disciplinares!

Por uma leitura curiosa

Aprender sobre tolerância tem sido um efeito colateral recorrente do pensamento transdisciplinar. Esse aprender reflete-se em atitudes, em reações, no ouvir e, principalmente, no ler.

Quando conhecemos o autor de um texto ou livro e suas idéias tem afinidade com as nossas ou quando recebemos a indicação de uma pessoa em quem confiamos, a leitura tende a ser condescendente, pouco crítica.

Quando conhecemos o autor de um texto ou livro e não temos afinidade com suas idéias ou quando recebemos a indicação de uma pessoa que não nos inspira confiança, a leitura tende a ser preconceituosa, acerbamente crítica.

Quando devemos ler uma obra e não temos referências sobre o pensamento do autor, nenhuma indicação, a leitura tende a ser indiferente, porém crítica.

Nenhuma das situações acima retratadas é absoluta, mas a tendência é que as leituras se enquadrem em algum dos casos.

Esses tipos de leitura revelam intolerância, seja na condescendência, por acobertar erros ou equívocos, comprometendo o aproveitamento, seja no preconceito, por

não aceitar o parcialmente correto, prejudicando o aproveitamento, seja na indiferença, por criar um distanciamento que inibe o aproveitamento.

As lições de tolerância a que fomos submetidos desde o início do curso fizeram com que eu percebesse o quanto podemos perder quando a leitura tende a um dos padrões acima.

De um autor que admiramos, deixamos de aprender sobre a importância do erro, do equívoco, do pensamento enviesado; deixamos de perceber suas condescendências, seus preconceitos e suas indiferenças. Perdemos a oportunidade de entender o seu processo, as suas dificuldades, as suas deficiências, deixando de aproveitar essa compreensão para melhorar nossa visão de mundo.

De um autor que não aprovamos, deixamos de aprender sobre a necessidade da diversidade de visões, deixamos de conhecer a essência porque nos apegamos à forma. Neste caso também perdemos a oportunidade melhorar nossa visão de mundo através da agregação da experiência daquele autor.

De um autor que nos é indiferente, passamos ao largo daquilo que seu conhecimento pode agregar ao nosso e mais uma vez perdemos a oportunidade de melhorar nossa visão de mundo.

N'O Manifesto da Transdisciplinaridade, Nicolesco revela-se intolerante com Marx e Engels e, de certo modo, sataniza e despreza o materialismo dialético, numa infeliz demonstração de intolerância.

Inspirado pelo curso, investi na leitura d'O Manifesto, inicialmente com condescendência; chegando ao ponto em que Nicolesco nega valor ao materialismo dialético, por discordar dele, tornei-me preconceituoso; continuando a leitura, os temas mudaram, o preconceito cedeu lugar à indiferença; finalmente, dado que o texto ajudava muito na compreensão do curso, houve o despertar da curiosidade, uma modalidade de leitura que nos leva a considerar o conteúdo de cada momento, onde o pensamento é mais importante do que o autor.

Concluí então que a leitura curiosa é uma leitura derivada de uma maneira transdisciplinar olhar os textos. Nela o autor não é importante, mas sim o processo de autoria -- a epistemologia explicando os saberes do autor e a ontologia de outro mostrando as relações entre o autor enquanto ser e seus saberes ; nela o erro e o equívoco não são importantes, mas buscar entender as razões do erro e do equívoco, sim; nela o viés não é importante, mas explorar as possibilidades do saber em questão independente do viés, sim.

É bem possível que uma grande parte de nossa leitura já se dê desta forma, mas

acredito que ainda nos permitimos pequenas condescendências, pequenos preconceitos e discreta indiferença e isso prejudica nossa formação e nosso avanço na direção da compreensão do nosso entorno.

Se nos preocuparmos em transformar nossas leituras em leituras curiosas, estaremos, sem dúvida, construindo para nós e para aqueles que conosco convivem, uma base de conhecimento mais abrangente porque mais tolerante.

* * *

Se somente os resultados dessas duas reflexões constituíssem o saldo do curso sobre o pensamento transdisciplinar, este já teria valido a pena (que, de tão prazeroso, nem pena foi), mas foram inúmeras as outras contribuições que decorreram dessa vivência.

No terreno filosófico, a descoberta de autores segregados, conhecidos por poucos, que contribuíram e ainda contribuem para uma compreensão do mundo sem as limitações da filosofia admitida pela ciência clássica.

No terreno metodológico, a confirmação de algumas suspeitas sobre as limitações da visão sistêmica e a ruptura de sua planaridade através de ferramentas incrivelmente poderosas como os diferentes níveis de realidade associada com a subversão da lógica aristotélica através da lógica do terceiro incluído.

No terreno místico, normalmente visto com reservas pela ciência clássica, o conforto resultante da certeza da importância do sagrado na construção de um conhecimento realmente transformador.

No terreno das relações, a convivência com um grupo maravilhoso de pessoas dispostas a aprender, a compartilhar, a vivenciar, a tolerar, a respeitar, a revelar, a amar.

Obrigado, muito obrigado!

Bibliografia

NICOLESCO, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Ed. Triom, 1999.

Notas de aula.